

## NESTE VERÃO, VEREMOS...

**\*Roberto Rodrigues**

Às vésperas do plantio de mais uma safra de verão que se espera resulte em novo recorde na produção de grãos, agricultores de todos os estados brasileiros estão decidindo o que semearão para 2013/14.

O Brasil vem colhendo sucessivos recordes na produção de grãos e os bons preços internacionais vem capitalizando boa parte dos agricultores, em especial os de soja.

A área plantada vem crescendo muito menos do que cresce a produção, graças às novas tecnologias incorporadas ano a ano. Na safra passada, foram plantadas, segundo dados da CONAB, cerca de 53,341 milhões de hectares com grãos (convencionais e transgênicos), sendo que milho e soja foram responsáveis por mais de 43 milhões de hectares, ficando o feijão, o trigo, o algodão e o arroz com outros 9,4 milhões.

E é interessante examinar o que acontecerá com as sementes transgênicas neste cenário, segundo a Consultoria Celeres.

Considerando soja, milho e algodão, a área plantada com transgênicos deverá ser de 40,3 milhões de hectares, com crescimento de 7,3% (ou 2,73 milhões de hectares) em relação ao ano passado, quando estes 3 cultivos ocuparam 37,6 milhões de hectares.

A principal cultura continua sendo a soja que deverá ocupar 26,9 milhões de hectares. Isto representa 92,4% da área total a ser cultivada com essa leguminosa, ou mais de 9% em relação à safra 2012/13. E ainda mais, a soja representará 66,9% de toda a área com sementes geneticamente modificadas nesta estação.

Em seguida vem o milho, com 12,9 milhões de hectares transgênicos ou 81,4% de toda a área plantada com esta nobre gramínea, ou 31,9% de todos os cultivos transgênicos de 2013/14.

E por fim vem o algodão, com 0,47 milhões de hectares, ou 1,2% da área total de transgênicos, mas, mesmo assim, representando 47% do total da área desta fibra, o que é uma redução em relação à 2012/13, quando esta percentagem chegou a 49,4%.

É impressionante a rapidez com que esta tecnologia foi adotada, uma vez que a legislação de Biossegurança só foi sancionada em 2005: apenas 8 anos para este salto enorme, embora nos 3 anos anteriores já se usassem sementes ilegais transgênicas de soja, sobretudo no sul do país.

Sabemos que, por enquanto, a grande vantagem da transgenia é a economia que ela traz em relação ao uso de defensivos agrícolas. As variedades modificadas são mais resistentes a pragas e doenças, de modo que desde as aplicações de herbicidas até as de inseticidas e fungicidas são menores. No entanto, estudos recentes mostram que a intensificação das culturas – especialmente soja e milho – acabou mudando o equilíbrio natural, de modo que pragas que não eram importantes passaram a ser, além de terem surgido outras, assim como doenças. Isso ocorre também com os transgênicos, embora em menor escala.

Como resultado, o número de aplicações subiu 3, 4, 5 vezes, nos últimos 5 anos, e, embora o preço dos defensivos não tenha aumentado, o custo total da sanidade aumentou muito, colocando em risco a competitividade dos produtos.

E isso é um tema muito sério, porque hoje os altos custos são sustentados pelos bons preços – sobretudo da soja – em função da grande demanda global, como é o caso da China.

Mas quando a oferta se equilibrar com a demanda, a sustentabilidade econômica estará em risco com a queda dos preços. Assim como a ambiental.

Precisamos urgentemente estabelecer novos patamares tecnológicos integrando outras formas de defesa sanitária, usando todos os elementos já conhecidos – transgênicos, convencionais, controle biológico, etc – e outros. Sustentabilidade não é brincadeira!

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador da FAO para o Ano Internacional do Cooperativismo**